



BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 2, N. 1, janeiro/2021 #9



**Universidade
de Fortaleza**



BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 2, N. 1, janeiro/2021 #9

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Henrique Luis do Carmo e Sá

Profa. Danielle Coimbra

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e
Gestão - CCG UNIFOR

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Francisco Alberto Oliveira

Curso de Economia UNIFOR / Coordenador do Núcleo
de Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Maurício Rodrigues

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Ricardo Eleutério

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

A presente edição do Boletim Econômico traz, na seção Opinião, um interessante e importante artigo da Economista, mestre em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professora do curso de Economia da Universidade de Fortaleza, Kayline da Silva Gomes Moreira, que, em uma linguagem bastante acessível para a maioria dos leitores desse periódico, escreve sobre a necessidade e as vantagens de se criar o hábito de poupar. Além disso, com base em dados recentemente publicados pelo Fundo Monetário Internacional - FMI, Banco Central do Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, Bolsa de Valores e outras importantes fontes de pesquisas, o Boletim traça um panorama da economia, mundial, nacional e local, considerando o início da vacinação contra a Covid 19, bem como o aumento de casos de contaminação com o vírus, que vem acontecendo nos últimos dias. A análise atualizada da evolução do Índice de Ações Cearense – IAC também é destaque nesse número do Boletim Econômico.

Boa Leitura!

OPINIÃO:

“Pensar no dia de amanhã” x “Só se vive uma vez”: como chegamos ao equilíbrio?

Kayline Moreira ^{1*}

Todo dia eu sofro com isso



sincerooficial

Final de ano gastei todo meu dinheiro como se não houvesse amanhã só que agora tá tendo

Eu passando tudo no cartão de crédito sem olhar a fatura



De acordo com o Relatório Brasil da Pesquisa de Aposentadoria divulgado em 2020 pelo Instituto de Longevidade Mongeral Aegon, as prioridades atuais de vida dos brasileiros giram em torno de estar em forma e ser saudável (cerca de 65%), seguida por planejamento do futuro financeiro (62%) e aproveitar a vida (60%). Para mim é intrigante que, de acordo com a pesquisa, “aproveitar a vida” não seja a maior prioridade, uma vez que não somos imortais. Este deveria ser o único fim e as outras coisas são apenas os meios para viver uma vida plena e tranquila agora, no presente, sabendo que essa “sequência de presentes” bem vividos é que se torna aquilo que chamamos de futuro. Então, a palavra-chave aqui é planejamento. É preciso que as pessoas planejem suas finanças de forma a viabilizar um padrão de vida sustentável até a aposentadoria. Quero dizer que, independente de quanto dinheiro ganhamos, todos precisamos fazer basicamente duas coisas: adequar nossos padrões de consumo à nossa restrição orçamentária, isto é, nunca gastar mais do que ganhamos, e poupar o máximo que pudermos. Nós estamos sempre reclamando que não ganhamos bem o suficiente, mas dificilmente a gente vê alguém se questionar sobre a qualidade dos próprios gastos. A verdade é que nós desejamos consumir o máximo que pudermos, pois quanto mais consumimos, melhor nos sentimos. Mas essa é a maior armadilha para quem deseja aproveitar a vida tanto aqui no presente quanto lá no futuro: gastar tudo que ganha na ilusão de estar aproveitando a vida porque trocou de carro ou comprou o último iphone.

Para conciliar essas três prioridades, eu diria que é preciso uma mudança de mentalidade em vários aspectos. O ideal é que as pessoas busquem cada vez mais um estilo de vida mais simples e menos consumista, de forma que não precisem baixar o padrão de vida quando se aposentarem. Essa mudança de mentalidade do consumista para o poupador é fundamental, pois, se você se acostuma a nunca gastar tudo que ganha, o dinheiro vai se acumulando ao longo dos anos e quando chegarmos naquela fase da vida onde os rendimentos caem e a saúde não é mais a mesma, estamos garantidos e conseguimos manter nosso padrão de vida intacto. Outro ponto importante a ser observado é a constância. A poupança deve se tornar um hábito, portanto é imprescindível ter o compromisso de poupar uma quantia fixa todos os meses. Depois que o valor a ser poupado está reservado, pode-se gastar o resto à vontade. O ideal não é poupar apenas o que sobra depois que pagamos nossas contas, mas o contrário.

Não importa o quanto a pessoa ganhe, poupar é um comportamento. É claro que quem ganha mais ou tem menos despesas pode poupar mais e quem ganha menos ou tem mais despesas tem uma ca-

¹ * Economista e Professora do Departamento de Economia da Unifor.

pacidade de poupança menor, mas todos precisamos poupar alguma coisa, por mínimo que seja. Nem que seja dez reais por mês, o importante é começar, ter compromisso consigo mesmo (a) e adquirir o hábito de poupar. Todos podemos começar com um passo bem pequeno e a tendência é melhorar a forma como gastamos nosso dinheiro e aumentar nossa capacidade de poupança paulatinamente.

Em suma, a garantia de um futuro financeiro tranquilo depende de um bom planejamento e de boas escolhas feitas agora, no presente. Não tem receita pronta para ninguém, pois todos temos rendimentos e orçamentos diferentes; além disso, como cada um aproveita a sua vida ou se mantém em forma é muito particular, mas uma coisa que vale para todos nós é entender que a mentalidade poupadora no presente garante nosso conforto e tranquilidade no futuro.

A realização dos nossos sonhos materiais é possível com planejamento financeiro e sem esquecer a poupança, para que continuemos realizando sonhos no futuro também, afinal, a beleza da vida é nunca deixar de sonhar.

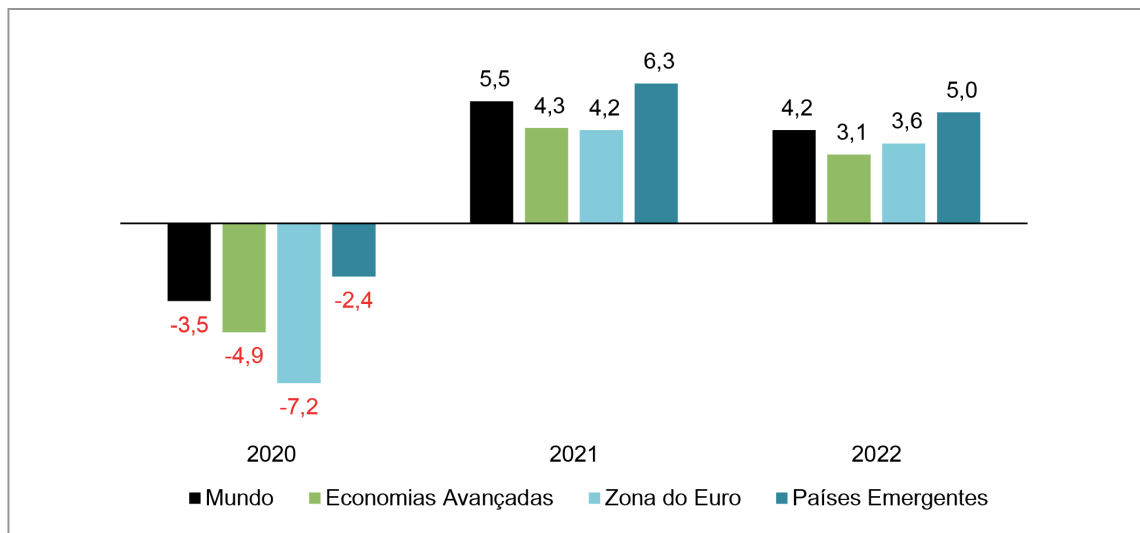
PANORAMA INTERNACIONAL

Em seu último relatório publicado no final de janeiro do corrente ano o Fundo Monetário Internacional - FMI revisou pra cima em 0,3% a previsão de crescimento da economia mundial em 2021, em relação a sua publicação anterior. Assim a economia mundial deverá crescer 5,5% em 2021 e 4,2% em 2022.

Contudo, conforme mostra o gráfico a seguir, as Economias Avançadas e os países da Zona do Euro não conseguirão recuperar suas perdas em 2021, somente acontecendo essa retomada em 2022. Para as economias avançadas que apresentaram um queda no PIB de 4,9 % em 2020 o FMI projeta um crescimento de apenas 4,2 % em 2021; e para a Zona do Euro, que apresentou uma redução de 7,2% no PIB em 2020, um crescimento pífio de 4,2 % em 2021. A justificativa é que embora as aprovações das vacinas e o início da vacinação na maioria dos países tenham gerado expectativas positivas para colocar um ponto final na pandemia, as novas ondas e variantes do vírus representam preocupações reais para a aceleração e retomada do crescimento dessas economias ainda em 2021.

Diante disso, em 2021, o crescimento da economia mundial será puxado pelos denominados Países Emergentes, que apresentaram uma menor queda em 2020 (-2,4%) e a maior taxa de crescimento prevista para 2021(6,3%). A performance da economia Chinesa em 2020, com um crescimento de 2,6% e uma previsão de expansão de 8,1% no PIB de 2021; e a previsão de crescimento da economia indiana de 11,5% em 2021 explicam a taxa de 6,3% prevista para as economias emergentes em 2021.

Gráfico 1 - Variação do PIB Real (%) – Mundo e Regiões Seleccionadas – 2020 a 2022.



Fonte: FMI. World Economic Outlook Update Jan (2021).

A ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Com base no índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) (Gráfico 2), é possível observar, no decorrer do ano de 2020, os fortes efeitos negativos da pandemia da Covid-19 sobre a atividade econômica, decorrentes do fechamento das atividades econômicas não essenciais para aumentar o isolamento social e frear o processo de contaminação pelo vírus. Os efeitos negativos iniciaram em março e se intensificaram em abril, onde registrou-se fortes quedas no Brasil (-14,76%), Ceará (-12,30%) e Nordeste (-8,58%). A partir de junho pode-se verificar o início da retomada econômica devido às novas regras de flexibilização das medidas sanitárias e retomada da economia. Em agosto, com a maior flexibilidade de medidas foi possível expandir a atividade econômica convergindo para taxas de crescimento positivas no mês de novembro de 2020, tanto para a economia cearense (0,42%) quanto para a economia do Nordeste (0,35%), enquanto a economia brasileira apresentou uma retração de 0,83%.

Gráfico 2 – Crescimento mensal (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) – mês contra mesmo mês do ano anterior – Brasil, Nordeste e Ceará – nov/19 a nov/20.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

De acordo com as estimativas do Conab em janeiro de 2021, a produtividade agrícola nacional apresentou um crescimento de 1,4%, na comparação da previsão da safra 2020/2021 em relação à estimativa da safra 2019/2020, impulsionando a produção total das culturas de soja, milho, arroz, feijão e algodão para um total de 264,8 milhões de toneladas na safra 2020/2021, representando elevação de 3,1% quando comparada com a safra de 2019/2020 (Tabela 1). Já em relação à área produtiva, o Brasil apresentou elevação de 1,6% na comparação entre as estimativas da safra 20/21 frente a safra de 19/20. Para a região nordeste é estimada uma produção de 22,4 milhões de toneladas para a safra 20/21, representando uma retração de -2,5% na comparação com a safra de 19/20. A produtividade na região apresenta queda de -3,8%. Contudo, a variação na área produtiva foi positiva (1,3%). A estimativa da produção total do Ceará é de 574,7 mil toneladas para a safra de 20/21, queda de -28% na comparação com a safra de 19/20. A produtividade (-28%) e a área produtiva (0,0%) ficaram abaixo tanto da média nacional, quanto da região nordestina.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos – produtos selecionados (*) – safras 2019/20 e 2020/21 (**) – Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
Ceará	913,1	913,1	0,0	874,7	629,4	-28,0	798,7	574,7	-28,0
Nordeste	8.187,7	8.294,2	1,3	2.813,8	2.708,0	-3,8	23.038,2	22.460,8	-2,5
Brasil	65.924,6	67.006,4	1,6	3.897,6	3.952,3	1,4	256.944,5	264.830,0	3,1

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale; (**) São estimativas geradas pelo Conab em janeiro de 2021.

O Setor da Indústria

De acordo com os dados da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) elaborada pelo IBGE, observa-se que, tanto no âmbito nacional, quanto regional e local, verificam-se retrações consideráveis na atividade industrial para o acumulado do ano até novembro de 2020, -5,5% no que se refere ao Brasil, -4,2% para a região Nordeste e -8,2% no que se refere ao estado do Ceará. Nas poucas atividades industriais de transformação em que houve crescimento, os destaques são os produtos alimentícios, que cresceram 4,5% no Brasil, 4,3% no Nordeste e 11,0% em âmbito estadual, além disso, a atividade de Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis, apresentando um avanço significativo no estado cearense, registrando um crescimento de 31,4%, ante 18,4% para o Nordeste e 4,8% para o Brasil.

Nos destaques negativos, temos o segmento têxtil e de vestuário como o mais afetado no acumulado de 2020. A indústria de produtos têxteis teve uma retração de 9,2% no Brasil, e 20,2% no estado do Ceará. Outros dois segmentos ligados a esta atividade e que foram prejudicados são o de confecção de artigos do vestuário e acessórios, com resultado de -26,2%, nacionalmente, e -34,3%, no estado do Ceará, e a atividade preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados, com resultado de -21,5%, para o Brasil, e -16,3%, no Ceará. Além desse segmento, temos o de veículos automotores, reboques e carrocerias, com retração de -31,3% no âmbito nacional, e -37,8% na região nordeste.

Durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia da covid-19 houve uma mudança no perfil de consumo das famílias, apesar do setor alimentício ser favorecido pelo aumento do consumo de alimentos em domicílio, houve, em direção oposta, uma diminuição do consumo de bens não essenciais, como vestuário e automóveis.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais- Brasil, Nordeste e Ceará – Acumulado em 2020 ⁽¹⁾.

ATIVIDADES DE INDÚSTRIA	BRASIL	NORDESTE	CEARÁ
Indústrias de transformação	-5,8	-3,6	-8,2
Produtos alimentícios	4,7	4,3	11,0
Bebidas	-0,6	3,0	0,6
Produtos do fumo	8,7	-	-
Produtos têxteis	-9,3	-9,5	-20,2
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-26,2	-23,7	-34,3

Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-21,5	-18,2	-16,3
Produtos de madeira	-1,9	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	1,3	9,4	0,0
Impressão e reprodução de gravações	-36,5	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	4,8	18,4	31,4
Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	2,9	-	-
Outros produtos químicos	-1,3	-0,9	-14,2
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	1,1	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	-4,2	-3,4	-
Produtos de minerais não-metálicos	-3,9	0,2	1,3
Metalurgia	-9,8	-20,3	-8,4
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-2,1	-11,6	-14,1
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-3,6	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-3,6	-12,9	-19,4
Máquinas e equipamentos	-7,1	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-31,5	-37,8	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-30,2	-	-
Móveis	-5,2	-	-
Produtos diversos	-17,6	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-16,6	-	-
Indústrias extrativas	-3,2	-12,4	-
Indústria geral	-5,5	-4,2	-8,2

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2020 a novembro/2020 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

De acordo com a Pesquisa Mensal dos Serviços do IBGE (Tabela 3), para o Brasil, na comparação do acumulado do ano até novembro de 2020, em relação ao mesmo período do ano anterior, o setor de serviços apresentou uma queda de 8,3%. Em relação às atividades que compõem o setor, apenas Outros serviços (+6,5%) registrou crescimento, tendo as demais atividades registrado forte declínio, em especial os Serviços prestados às famílias (-36,6%). Pode-se explicar, em boa medida, esse declínio como um efeito circunstancial gerado pela atual crise sanitária, que é consequência direta das restrições de funcionamento dos serviços e das mudanças de comportamento por parte dos consumidores. As subatividades que evidenciaram variação positiva no ano foram aquelas ligadas ao setor de tecnologia e armazenagem, com destaque para o Transporte aquaviário (+10,0%) e Serviços de Tecnologia da Informação (+7,9%).

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados – Acumulado em 2020 ⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	-36,6	-41,9	-48,9	-45,7
Serviços de alojamento e alimentação	-37,9	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-29,5	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	-2,0	-1,6	-3,7	-9,0
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	0,5	-	-	-
Telecomunicações	-3,5	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	7,9	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-18,8	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-11,8	-5,6	-12,3	-13,2
Serviços técnico-profissionais	-5,9	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-13,9	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-8,1	-21,7	-9,7	-12,7
Transporte terrestre	-12,0	-	-	-
Transporte aquaviário	10,0	-	-	-
Transporte aéreo	-37,1	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,4	-	-	-
Outros serviços	6,5	1,4	-0,7	-14,2
Total	-8,3	-14,4	-13,4	-16,0

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2020 a novembro/2020 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Ainda em relação às subatividades, cabe destacar a magnitude das retrações observadas nas atividades Serviços de alojamento e alimentação (37,9%), Transporte aéreo (-37,1%) e Transporte terrestre (-12,0%), que embora estejam referenciadas ao âmbito nacional, por serem componentes importantes do trade do turismo, têm forte repercussão na economia dos estados do Nordeste.

Comparando os estados nordestinos, o Ceará apresentou declínio de 14,4% no acumulado do ano de 2020, apresentando o sexto pior desempenho dentre os estados. Pernambuco e Bahia apresentaram declínios de 13,4% e 16,0%, respectivamente, bem acima da média nacional.

Dentre as atividades das unidades federativas, seguindo a tendência nacional, os Serviços prestados às famílias foram os mais impactados, com Pernambuco (-48,9%) apresentando o maior declínio, Ceará e Bahia vindo logo em seguida com retração de 41,9% e 48,9%, respectivamente. Apenas a categoria de Outros serviços (+1,4%) cearenses contabilizou desempenho positivo no decorrer do ano.

A Atividade do Comércio

Por ser a atividade mais importante do Setor de Serviços, a atividade do comércio é analisada separadamente por meio da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. De acordo com a PMC, o comércio varejista no Brasil, no acumulado de janeiro a novembro de 2020, apresentou um crescimento de 1,2% em relação ao mesmo período do ano passado. No tocante aos estados do nordeste pesquisados, o Ceará sofreu a maior queda (-6,8%), seguido pela Bahia (-4,0%) e Pernambuco (0,2%).

Em relação ao varejo ampliado, o Brasil registrou uma queda de 1,9%, quando todos os estados analisados evidenciaram variação negativa, em destaque para Bahia (-8,3%) com o maior declínio, seguido do Ceará (-6,0%) e Pernambuco (-1,5%), conforme a Tabela 4.

Dentre os dez grupos de atividades pesquisadas para o Brasil, cinco registraram crescimento no acumulado de 2020 até novembro: Móveis e eletrodomésticos (+11,6%), Material de construção (+10,1%), Artigos farmacêuticos (+7,7%) e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+5,0%). Em contraste, demonstraram recuo expressivo: Livros, jornais, revistas e papelaria (-29,7%) e Tecidos, vestuário e calçados (-25,1%).

Verificando as atividades dos estados nordestinos, no Ceará, apenas as atividades de Material de construção (+6,0%), Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+2,6%) e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+1,6%) registraram crescimento. Em contrapartida, as atividades com declínios mais expressivos foram: Tecidos, vestuário e calçados (-26,1%), Livros, jornais, revistas e papelaria (-19,8%) e Móveis e eletrodomésticos (-17,9%).

Assim como na maioria dos demais setores analisados, é bastante perceptível a ligação do desempenho das atividades comerciais com a crise sanitária provocada pela Covid 19 (Artigos farmacêuticos, +7,7%) e as consequentes mudanças de hábitos dos consumidores provocadas pelas medidas de contenção da pandemia, tais como o confinamento (Móveis e eletrodomésticos, +11,6%; Material de construção, +10,1%; Tecidos, vestuário e calçados, -25,1%) e o forte crescimento do teletrabalho (Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, +2,6%).

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados – Acumulado em 2020⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,2	-6,8	0,2	-4,0
Combustíveis e lubrificantes	-10,0	-12,1	-4,6	-6,3
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	5,0	1,6	0,5	-2,1
Hipermercados e supermercados	6,1	3,9	3,2	0,3
Tecidos, vestuário e calçados	-25,1	-26,1	-20,5	-32,7
Móveis e eletrodomésticos	11,6	-17,9	27,5	17,4
Móveis	12,3	-9,5	3,8	19,5
Eletrodomésticos	11,3	-23,8	36,4	16,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	7,7	-1,5	11,3	2,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	-29,7	-19,8	-42,2	-42,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-16,6	2,6	-12,7	-25,6
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,6	-7,4	-0,1	-9,6
Comércio varejista ampliado	-1,9	-6,0	-1,5	-8,3
Veículos, motocicletas, partes e peças	-15,1	-7,9	-7,0	-26,2
Material de construção	10,1	6,0	2,6	9,9

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2020 a novembro/2020 (Base: igual período do ano anterior).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

Conforme a tabela 5 é possível analisar que a População Ocupada (PO) teve um aumento significativo em termos absolutos, passando de aproximadamente 82,1 para 84,6 milhões de brasileiros no período de agosto de 2020 até novembro do mesmo ano. Deste número, cerca de 34,5% estão na informalidade. Já para o estado do Ceará os valores não obtiveram grandes variações, o que se pode notar é que a Taxa de Informalidade para o estado, que foi de 44,4% em novembro de 2020, ainda é bem maior quando se comparado com a Taxa de Informalidade da federação.

Outro dado importante a ser analisado é o da Taxa de Atividade ou de Participação, obtida a partir da divisão da População Economicamente Ativa (PEA) pela População em Idade Ativa (PIA). Este percentual em agosto era de 55,8% e encerrou o período em 57,8%, registrando um aumento de 2,0 pontos. Para o estado do Ceará a variação foi ainda maior, saltando de 46% para 49,3% no mesmo período. A Taxa de Desemprego no Brasil também apresentou elevação passando de 13,6% em agosto para 14,2% em novembro de 2020. Para o Ceará a alta foi ainda mais forte, saltando de 13,1% para 14,7%, uma elevação de 1,6 pontos no período analisado. Um dos motivos para tais aumentos são de fato as incertezas e consequências econômicas negativas trazidas pela pandemia do COVID-19.

Tabela 5 - Variáveis e taxas mensais de emprego e desemprego no Brasil e no Ceará (mil pessoas) – Agosto/2020 a Novembro/2020.

Variáveis e Taxas	Agosto-20		Setembro-20		Outubro-20		Novembro-20	
	Brasil	Ceará	Brasil	Ceará	Brasil	Ceará	Brasil	Ceará
População Residente	211.262	9.190	211.392	9.195	211.523	9.199	211.652	9.204
PIA (PEA + PNEA)	170.312	7.329	170.531	7.344	170.601	7.330	170.742	7.351
PNEA	75.245	3.960	74.110	3.855	72.704	3.723	72.042	3.723
PEA	95.068	3.369	96.421	3.489	97.897	3.607	98.699	3.627
PO	82.141	2.926	82.934	2.959	84.134	3.053	84.661	3.093
Na informalidade	27.871	1.301	28.346	1.323	29.032	1.379	29.192	1.372
Taxa de informalidade (%)	33,9	44,5	34,2	44,7	34,5	45,2	34,5	44,4
PD	12.926	443	13.486	530	13.763	554	14.038	534
Taxa de atividade ou de participação (PEA/PIA) %	55,8	46,0	56,5	47,5	57,4	49,2	57,8	49,3
Nível da ocupação (PO/PIA) %	48,2	39,9	48,6	40,3	49,3	41,7	49,6	42,1
Taxa de desemprego (PD/PEA) %	13,6	13,1	14,0	15,2	14,1	15,4	14,2	14,7

Fonte: PNAD Covid / IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

PIA: População em idade ativa;

PNEA: População não-economicamente ativa;

PEA: População economicamente ativa;

PO: População ocupada;

PD: População desocupada.

De acordo com os dados apresentados pela pesquisa do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) em relação às movimentações do mercado de trabalho (Tabela 6), é possível observar variações negativas no saldo entre o período de março até junho de 2020 em razão da queda da taxa de admissão e o aumento da taxa de desligamento que se deu por conta do isolamento social causado pela pandemia do COVID-19, o que levou várias empresas a, tanto reduzir o quadro de colaboradores, como evitar novas contratações diante da nova realidade econômica.

Com o decorrer do ano, os resultados dos saldos foram melhorando a medida em que o isolamento social foi se reduzindo. A partir do mês de julho os saldos positivos retornaram atingindo o ápice do ano em novembro no Brasil (414,6 mil), em setembro no Nordeste (88,2 mil) e em novembro no Ceará (16,4 mil). Porém, em relação ao saldo acumulado do ano, ainda pode-se notar variações negativas no Brasil (-892 mil), no Nordeste (-190,3 mil) e no Ceará (-28,8 mil), o que claramente vai demandar dos governos, políticas econômicas efetivas para estimular a oferta de empregos no mercado de trabalho.

Tabela 6 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará - Série com ajustes (em milhares).

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	%	Adm.	Deslig.	Sald.	%	Adm.	Deslig.	Sald.	%
Jan-20	1.499,3	1.384,4	114,9	0,30	186,9	191,0	-4,0	-0,06	36,6	34,3	2,4	0,21
Feb-20	1.602,2	1.377,2	225,0	0,58	191,2	188,1	3,1	0,05	37,8	30,7	7,1	0,62
Mar-20	1.446,8	1.718,0	-271,3	-0,69	174,2	240,7	-66,5	-1,05	33,6	40,8	-7,3	-0,63
Apr-20	647,9	1.596,7	-948,9	-2,44	77,8	223,9	-146,1	-2,32	12,9	47,8	-34,9	-3,05
May-20	747,4	1.113,6	-366,2	-0,97	92,0	149,4	-57,3	-0,93	14,7	25,8	-11,1	-1,00
Jun-20	940,6	966,6	-26,0	-0,07	113,5	118,0	-4,5	-0,07	19,2	21,8	-2,5	-0,23
Jul-20	1.143,8	1.006,1	137,7	0,37	147,6	122,1	25,5	0,42	27,6	21,6	6,0	0,55
Aug-20	1.282,7	1.040,0	242,7	0,64	188,1	128,6	59,5	0,98	34,3	22,8	11,5	1,04
Sep-20	1.421,3	1.106,4	314,9	0,83	222,2	133,9	88,2	1,43	37,4	25,1	12,3	1,11
Oct-20	1.576,5	1.187,0	389,5	1,02	211,9	143,4	68,5	1,10	43,2	26,9	16,3	1,45
Nov-20	1.532,2	1.117,6	414,6	1,07	203,1	131,2	71,9	1,14	39,7	23,2	16,4	1,44
Acumulado	9.310,6	10.202,6	-892,0	-2,30%	1.171,4	1.361,7	-190,3	-3,00%	216,9	245,6	-28,8	-2,52%

Fonte: Novo Caged – SEPR/ME. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

*A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

De acordo com a Tabela 7, onde são apresentados os dados de comércio exterior fornecidos pelo MDIC/SECEX, no acumulado do ano o Brasil apresentou queda nas exportações (-7,5%), importações (-14,7%) e corrente comercial (-10,7%). O saldo comercial cresceu 21%, registrando um superávit de US\$ 50,9 bilhões. O Nordeste apresenta queda nas exportações, importações, corrente comercial e saldo, de -7,0%, -27,8%, -19,4% e -71,1%, respectivamente, sendo esse último equivalente a um déficit de US\$1,1 bilhões. O Ceará também apresenta quedas, sendo elas em exportação (-18,8%), saldo (-447,4%) e corrente comercial (-19,4%), enquanto as importações crescem em 0,8%. Observando apenas as diferenças entre o mês de novembro de 2019 e 2020 percebe-se uma diminuição das exportações (-1,6%), importações (-2,6%) e corrente comercial (-2,1%) brasileiras. O saldo, entretanto, é positivo registrando uma expansão de 2,3%. Em relação ao acumulado em 12 meses os saldos apresentados pelo Nordeste e Ceará foram negativos, com o Ceará apresentando

saldo negativo de US\$ 493 milhões e o Nordeste de US\$ 1,3 bilhões. O Brasil, ao contrário, apresentou um saldo positivo de US\$ 56,8 bilhões.

Tabela 7 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) – Brasil, Nordeste e Ceará ^(*)

País / região e estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %
Brasil								
Nov. 2020/ Nov. 2019	17.447	-1,6	13.800	-2,6	3.647	2,3	31.247	-2,1
Acumulado do Ano	191.452	-7,5	140.524	-14,7	50.929	21,0	331.976	-10,7
Acumulado 12 meses	209.955	-7,2	153.080	-13,9	56.875	17,2	363.035	-10,1
Nordeste								
Nov. 2020/ Nov. 2019	644	-13,3	817	-39,9	-173	-72,0	1.461	-30,5
Acumulado do Ano	7.413	-7,0	8.520	-27,8	-1.107	-71,1	15.933	-19,4
Acumulado 12 meses	8.111	-8,2	9.411	-27,9	-1.300	-69,1	17.522	-19,9
Ceará								
Nov. 2020/ Nov. 2019	117	-26,5	202	-3,9	-86	-65,3	319	-13,6
Acumulado do Ano	1.701	-18,8	2.204	0,8	-503	-447,4	3.906	-19,4
Acumulado 12 meses	1.882	-20,4	2.375	0,9	-493	-4.100,2	4.258	-9,8

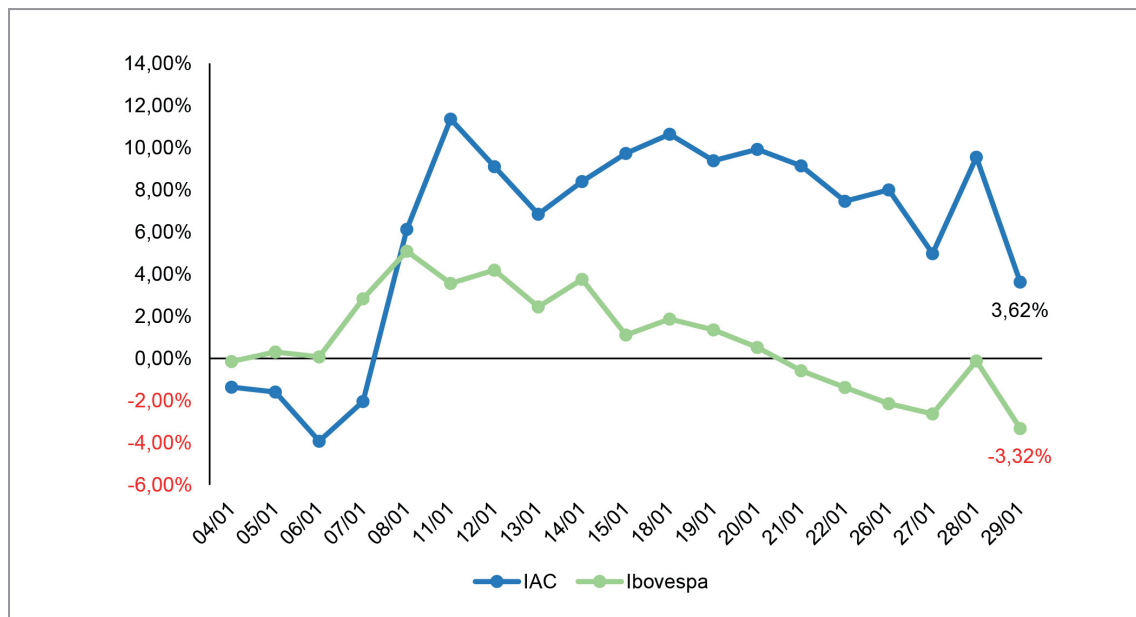
Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*): Variação do acumulado de janeiro/2020 a novembro/2020 em comparação com o acumulado para o mesmo período de 2019.

ÍNDICE DE AÇÕES CEARENSES (IAC)

O Índice de Ações Cearenses (IAC) apresentou valorização de 3,62% em janeiro de 2021, em contraste ao Ibovespa que registrou queda de 3,32% devido a preocupações com o cenário fiscal. Na primeira semana de janeiro, o IAC ficou abaixo do retorno do Ibovespa, reflexo da forte incerteza gerada por preocupações sobre os planos de vacinação e aumento de casos decorrentes da pandemia do coronavírus. Na sexta-feira, dia 08/01/21, o Ibovespa atingiu a alta histórica, fechando nos 125.076 pontos, com valorização de 2,20%. Em paralelo, o IAC teve forte alta de 8,24%, puxado, em parte, pela valorização das ações da Hapvida (10,48%) em decorrência de notícias da possível fusão com o Grupo Notredame Intermédica (GNDI3).

Gráfico 3 – Retorno diário do IAC e do Ibovespa – janeiro de 2021.



Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/Unifor.

Nas semanas seguintes, o cenário de alta perdeu força devido a cautela dos investidores em relação ao avanço da segunda onda dos casos da Covid-19, temor de desaceleração da atividade econômica e risco fiscal gerado por desequilíbrios nas contas públicas.

Analisando os retornos individuais de cada empresa contida no IAC, em janeiro de 2021, três empresas registraram valorização. A Aeris (AERI3) apresentou o maior retorno (18,20%), com participação de 5,80% no índice. Em seguida, as ações ordinárias da Hapvida (HAPV3) registraram crescimento de 14,02%, possuindo a maior participação no índice, com 45,50%, e a Pague Menos (PGMN3) com retorno de 12,97% e participação de 4,0% no mês.

Tabela 8 - Retornos do Ibovespa e das empresas contidas no IAC.

Tickers	Retorno mensal (%)	Retorno acumulada no ano (%)	Retorno acumulado dos últimos 12 meses (%)	Participação mensal (%)
Ibovespa	-3,32%	-3,32%	1,15%	-
Índice	3,62%	3,62%	7,55%	100,00%
AERI3	18,20%	18,20%	-	5,80%
HAPV3	14,02%	14,02%	44,83%	45,50%
PGMN3	12,97%	12,97%	-	4,00%
BNBR3	-5,13%	-5,13%	-25,66%	3,36%
ARCE	-5,89%	-5,89%	-21,53%	24,00%
COCE5	-6,80%	-6,80%	-10,38%	2,67%
GRND3	-7,16%	-7,16%	-32,17%	5,23%
MDIA3	-10,22%	-10,22%	-25,58%	6,37%
COCE3	-12,47%	-12,47%	22,21%	2,96%

Fonte: Yahoo Finance. Elaboração: Nupe/UNIFOR.

* Data de referência: 29 de janeiro de 2021.

** Retornos ajustados a dividendos e desdobramentos.

As demais empresas registraram desvalorização no decorrer do mês, em destaque para as ações ordinárias da Coelce (-12,47%), M. Dias Branco (-10,22%) e Grendene (-7,16%). A Arco (ARCE) apresentou contração (-5,89%) em janeiro de 2021, apesar de alta no dólar no mês, a queda nas bolsas americanas vivenciadas nas últimas semanas do mês contribuíram para o desempenho negativo do ativo.

Autores:

Alysson Inácio de Oliveira
Catherine dos Santos Rodrigues
Lais Erika Grangeiro Do Monte
Mario Tarabuío Neto
Vicente Aníbal Da Silva Neto

